



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

DESENVOLVIMENTO EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA: ATUAÇÃO PSICOSSOCIAL COM ADOLESCENTES EM UM BAIRRO PERIFÉRICO DE SALVADOR

Pâmela Pitágoras Freitas Lima*
(UESB)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma intervenção psicossocial em um grupo de adolescentes em risco social em um bairro periférico da cidade de Salvador, Bahia. A proposta baseou-se na metodologia etnográfica, tipo específico de pesquisa qualitativa que teve origem nas práticas antropológicas, que visa entender como as pessoas veem suas experiências.

PALAVRAS-CHAVES: Psicologia Social. Etnografia. Violência.

INTRODUÇÃO

A adolescência está marcada diretamente pelas questões sociais e históricas que os indivíduos estão submetidos. Ou seja, ser jovem na atual sociedade, em um contexto de desigualdades, que se calca nas questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social, têm repercussões diferentes em jovens de grupos populares.

É cada vez maior o número de pesquisas e trabalhos que tratam da questão da adolescência na sociedade brasileira. Dentre as pesquisas mais realizadas, é

*Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - UESB.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

crecente o foco na temática sobre crianças e adolescentes em vulnerabilidade ou risco social. A proposta desta pesquisa foi de compreender as particularidades sociais que interferem nas maneiras de subjetivação e de sofrimento psíquico de jovens baianos. Por isso, a realização do estudo deu-se por meio de ações sócio-educativas realizadas em um bairro periférico da cidade de Salvador, nas dimensões de uma ONG atuante no bairro, com o objetivo de apreender aspectos do desenvolvimento humano em contexto de violência, de jovens do sexo feminino em situação de risco e vulnerabilidade social.

Nesse panorama, o local escolhido para o estudo, que se situa no espaço periférico da cidade de Salvador, evidencia inúmeras carências de assistência e direitos dos cidadãos, sendo num dos bairros mais violentos do município, onde a taxa em 2001 de morte por homicídio foi de 72,6 % (OLIVEIRA, 2003). No primeiro trimestre de 2001, em Salvador, foram registrados 639 casos de violência doméstica, na DERCA (Delegacia Estadual de Repressão a Crimes contra Crianças e Adolescentes), sendo 311 meninos e 328 meninas (SILVA, 2000). As adolescentes representam as vítimas preferenciais de diversas formas de violências como a física e sexual, sendo muitas vezes no próprio ambiente doméstico e social (GONÇALVES, 2004). Em decorrência desses fatores sociais, foi escolhido o público alvo de adolescentes entre 12 a 18 anos que frequentam o setor profissionalizante de uma instituição não governamental, justamente por ser a parcela da população que está mais em contato com a violência e vulnerável socialmente.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o início do trabalho, foi importante a exploração e observação do local e dos atores, contemplando o uso da etnografia. Esse arcabouço teórico e técnico pressupõe aspectos relevantes, que condizem com a inserção no trabalho com as jovens. Para a etnografia, o importante é compreender os sistemas de significados



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

culturais dos sujeitos estudados com base em sua ótica e em seu universo referencial (ANDRÉ, 1995). Através da observação participante, em que o pesquisador é instrumento da pesquisa e interfere no meio ambiente que ele observa, ocorre à contemplação e descrição dos significados das ações e interações conforme a perspectiva dos seus atores, indo além da mera descrição de situações, ambientes, pessoas e da reprodução das suas falas e depoimentos (ANDRÉ, 1995).

Nessa forma de observação e trabalho em campo, os resultados apresentados é fruto das interações sociais. A grande contribuição dessa modalidade investigativa é a de promover a sensibilidade do pesquisador diante das situações com que se depara e da qualidade da relação que é estabelecida com a população observada. Sendo assim, descrição e análise dos hábitos da população estudada são ferramentas essenciais, pois os pesquisadores não seguem hipóteses rígidas, pois ficam atentos ao surgimento de pistas que o conduzam a novas perspectivas de análise, ou seja, a novas hipóteses para compreensão do público alvo de seus estudos (ANDRÉ, 1995).

Para a realização das atividades, foram propostas duas formas de trabalho: entrevista individual e a execução de trabalhos em grupo. A proposta de realizar entrevistas preliminares para obtenção de dados sociodemográfico. Quando ao trabalho em grupo, o objetivo era o de promover um espaço de discussão, socialização e compartilhamento de experiências entre as jovens, além de permitir a exposição de assuntos que estavam diretamente vinculados ao cotidiano das mesmas. Realizar atividades em grupo com adolescentes ainda é uma excelente técnica, já que permite trabalhar com um número maior de pessoas.

Para traçar um perfil médio das adolescentes que participaram do estudo, foram utilizados dados recolhidos nas entrevistas iniciais e individuais. Ao todo participaram da pesquisa quinze jovens, todas do sexo feminino, matriculadas e com frequências assíduas em uma organização não governamental de Salvador, que assinaram o termo de consentimento e autorização para utilização de seus



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

dados para presente pesquisa. As adolescentes tinham entre 11 a 16 anos, sendo boa parte de afrodescendentes. Apresentavam, em sua maioria, uma baixa escolaridade, transitando entre a 4ª série do ensino primário, e as séries iniciais do ensino ginásial. Apenas duas das adolescentes estavam cursando o ensino médio. Todas evidenciavam nível baixo nível socioeconômicas. A maioria morava próximo à instituição. Quanto aos dados familiares, à figura paterna sempre se apresentou como distante. Algumas não conheceram os pais, e outras já não moravam com os mesmos, sendo esse papel ocupado muitas vezes pelo padrasto. A família se apresenta como alta densidade residencial, com média entre 2 a 9 irmãos, sendo alguns de pais/mães diferentes dos das jovens. Foi comum nos relatos das adolescentes a moradia ser próxima ou no mesmo domicílio dos avôs, sendo em alguns casos residindo exclusivamente com eles. Entre os parentes que possuem emprego, as maiorias dos pais estão no mercado formal, em setores como segurança e construção civil. Já as mães, quando empregadas, estão localizadas no setor informal/ liberal, sendo a maioria vinculada a atividades de culinária e serviços domésticos ou donas de casa. Em nenhum caso o casal parental estava desempregado.

As atividades ocorreram com periodicidade de duas vezes na semana, entre março a junho de 2009. Para o trabalho em grupo, foram selecionados sete temas, escolhidos pelas próprias adolescentes. Os temas escolhidos para serem abordados em grupo foram: sexualidade, violência, drogas, cultura negra, família e escola e por fim, fora selecionado um dia para realização de *feedback* e o encerramento do trabalho.

Nos primeiros encontros, ficou evidente o total desconhecimento das adolescentes sobre qual seria a proposta das atividades que elas fariam parte, sobre o objeto de estudo e atuação dos profissionais de Psicologia. Diante desse dado, foram feitos alguns esclarecimentos sobre a profissão, para afastar concepções simplistas da atuação do profissional, como por exemplo, “cuidar de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

louco” como elas faziam referência e esclarecendo que o foco do trabalho abrangia, entre outras coisas, temas como as emoções e sentimentos. Esse esclarecimento prévio foi fundamental para evitar que o trabalho com as adolescentes não se tornasse inviável.

Sobre o tema da sexualidade, foi trabalhado uma atividade retirada do programa do Ministério da Saúde, denominado “Saúde e Prevenção nas Escolas” (BRASIL, 2007), que dispunha de um kit de intervenção. Nesse material, contém de forma explicativa como executar a dinâmica “Árvore dos Prazeres”. Essa oficina consistia na distribuição de tarjetas de três cores diferentes, a serem preenchidas com assuntos ligados a Prazeres, Riscos e Prevenção. A atividade foi finalizada com uma breve explanação de alguns pontos sobre DSTs e mais especificamente, da AIDS. Informações sobre as desmistificação e formas de contágio foram apontadas.

Essa atividade foi de suma importância, pois é comum o tema da sexualidade na adolescência ser tratado ainda como tabu, focando apenas nos aspectos biológicos, esvaziando das questões referentes aos afetos, dúvidas e receios que permeia a sexualidade, principalmente na adolescência. É nessa fase do desenvolvimento humano que ocorre a afirmação social da identidade e da consolidação da orientação sexual. A normal curiosidade da adolescência deve vir acompanhada de conhecimento e educação para a saúde, colocando a sexualidade não como um tema proibitivo, mas como um ato natural e saudável para a vida humana. Segundo Barros (2002a), a participação dos jovens e sua integração à sociedade requerem que eles estejam aptos a lidar com a vida sexual e reprodutiva de forma responsável e informada.

Aspectos como gravidez na adolescência, contágio e transmissão de doenças como as DST e o HIV, além das dúvidas e temores que os jovens possuem no início da descoberta sexual, principalmente nas participantes da pesquisa, devem sempre se pautar em ações educativas dentro das unidades de saúde. Entretanto, essa aproximação do adolescente com sua saúde sexual não devem vir acompanhadas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de um discurso moral e inibitório que ao invés de promover saúde, afasta ainda mais esses jovens do conhecimento de formas saudáveis de viver a sexualidade.

As atividades seguintes enfatizaram as questões sobre a violência na sociedade e sobre as drogas, temas relevantes devido ao espaço social em que essas jovens residem. O tema da violência assombra a sociedade, e recaem principalmente sobre os jovens, as maiores vítimas atualmente. Na literatura, evidencia que esses jovens moradores de bairros populares, de renda familiar de até dois salários mínimos, com baixa escolaridade e estudantes de escola pública são os mais envolvidos por essa violência cotidiana (GOMES & SANTOS, 2008).

O objetivo em se abordar o tema da violência foi o de discutir com as adolescentes sobre o seu contexto comunitário, e apreender de que forma essas jovens vivenciam e interpretam esse espaço de violência. Para isso, foram explanadas as classificações de violência (físicas, verbais, urbanas e sexuais), e em seguida, apresentado gravuras que ilustravam formas de agressão, para elas dissertarem suas opiniões. Durante a discussão houve relatos envolvendo contexto do bairro, de notícias referentes a brigas e confronto policial, e sendo mais comum e de maior proximidade das jovens, relatos envolvendo o espaço escolar, em que havia a participação delas como observadoras do ato ou até mesmo autoras. Esse fator da cada vez maior presença feminina em ações de cunho violento foi apontado por Bomfim & Krahn (2008), como uma forma das mulheres encontraram na violência maneiras de impor respeito e buscar dignidade.

Nos relatos em que as jovens eram agentes da violência, houve a presença de confronto entre colegas na escola, devido à questão como “tirar satisfação”. Essas rixas entre colegas apontam que as mulheres, assim como os homens, buscam nas práticas de violência sua autoafirmação perante seu grupo, ou seja, o poder se impõe através da violência, tanto na sua forma física quanto verbal (BOMFIM & KRAHN, 2008). Ao fim deste grupo, foram levantadas algumas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

questões, principalmente no quesito da violência contra a mulher, distribuindo material informativo sobre a Lei Maria da Penha. Essa intervenção foi relevante, pois mais importante do que informar, foi proporcionar o conhecimento e acesso as instituições que oferecem apoio à mulher vítima de violência.

Já no trabalho da temática sobre drogas, o objetivo foi de apresentar dados e levar as adolescentes a produzirem material informativo sobre a opinião delas a respeito do tema. Durante a exposição do material produzido por elas, foi aberto à discussão sobre as drogas, voltando a enfatizar o compartilhamento das experiências com o grupo. Durante a atividade não houve relatos em que as adolescentes foram ativas na utilização de psicoativos, mas algumas narrativas envolvendo conhecidos, tendo como cenário novamente o espaço escolar, foi recorrente. A curiosidade, a influência do grupo social, a disponibilidade de drogas, o contexto familiar e situações como episódios de emoções desagradáveis têm sido apontados como alguns dos fatores de risco para o uso de drogas entre os jovens. No entanto, é importante salientar que muitos jovens resistem ao uso, embora na presença de fatores extremamente desfavoráveis. (NOTO & SILVA, 2002). Por isso, o intuito do trabalho foi o de sensibilização e prevenção.

A atividade posterior teve como tema a valorizando da cultura negra. Esse trabalho se demonstrou bastante interessante, pois as próprias adolescentes solicitaram um espaço para apresentação de um número de dança afro, sendo que muitas estavam caracterizadas por penteados étnicos. Segundo Gomes (2003, p.177), o uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para esse grupo.

Nessa atividade, as jovens apresentaram muita clareza sobre a discussão das questões étnica e racial, além de relataram casos de discriminação e racismo vivenciado por elas. Durante os relatos, foram enfocados temas sobre o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conhecimento da história da matriz africana (atualmente integrando o currículo obrigatório do ensino público), sobre aspectos identificatórios e o papel da mulher negra na sociedade atual. O foco ao trazer para discussão esses aspectos foi o de fortalecer a concepção de identidade negra, aqui entendida pela concepção de Gomes (2003, p. 171), como uma construção social, histórica, cultural e plural. A identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Esse tema foi um desafio a parte, pois se tratava de um grupo majoritariamente de adolescentes negras, e cujo fenótipo não correspondia a das facilitadoras do grupo.

Outro tema sugerido foi sobre a família. Para sua execução, foram solicitadas as jovens que desenhassem em duas folhas separadas os conceitos de família real, ou seja, aquelas que elas possuíam, e de família ideal. A discussão e elaboração das facilitadoras ocorreram em um segundo momento, já que se tratava de um tema delicado, o que seria muito expositivo relatar as experiências do núcleo familiar das jovens no espaço do encontro grupal. Em alguns casos houve certa dificuldade de compreensão da atividade, em que muitas adolescentes utilizaram apenas um dos conceitos solicitados. Em alguns desenhos da família ideal, houve a presença da família que essas jovens desejavam formar. Nos casos mais extremos, houve a completa supressão do núcleo parental, e até mesmo a representação de família não humana.

Esse tema mostrou-se bem controverso e de difícil trabalho, pois a família deveria ser a rede de proteção, de amparo e o núcleo estruturante, que possibilitaria abrir espaço para o outro, acolhendo as novas experiências e a aceitação do conflito que se instala entre os vínculos de pertinência e relações de apego estabelecido no espaço doméstico e as investidas para a construção da



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

autonomia (ROCHA, 2002, p.26). Entretanto, nem sempre a família cumpre com esse papel.

Infelizmente, houve alguns relatos obtidos na sondagem individual dos desenhos produzidos pelas adolescentes, de dificuldades na interação familiar e de casos de violência. Os autores De Antoni & Koller (2002, p. 87), apontam que a violência doméstica depende da dinâmica particular de funcionamento do abusador, da vítima, da família e de sua rede de apoio social. É atribuída a múltiplas causas e pode desencadear uma ou mais reações específicas nas pessoas envolvidas e no contexto nas quais estão inseridas. Por ser um tema bem complexo, e devido à limitação do tempo do próprio trabalho, as questões provenientes da discussão gerada pelo grupo não pode ser exploradas por maior periodicidade.

A oficina posterior foi pautada no tema da Escola. Para tanto, foi proposto ao grupo uma adaptação da técnica do Teatro do Oprimido, em que as jovens discutiram e escolheram uma cena para representar um fato ocorrido no cotidiano escolar. A utilização dessa técnica foi pertinente para identificar a produção na educação escolar de um conjunto de relações marcadas pela tensão, descontinuidade e desvalorização das crianças e dos adolescentes que nela ingressam (ROCHA, 2002, p. 28). As dramatizações realizadas por elas foram pautadas, na questão do racismo e discriminação entre colegas de escola e sobre a disputa de poder envolvendo a equipe da escola, o que prejudica o ambiente escolar.

A discussão não se esgotou na realização da dinâmica dramática. Além do grupo, o tema da escola foi abordado inúmeras vezes nas entrevistas iniciais e individuais. Vem-se o papel de importância que a escola enquanto espaço de socialização tem na vida dessas jovens. Entre os pontos discutidos pelas adolescentes, foram fortemente destacadas a relação discente – docente, a atual



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

falta de professores na rede pública de ensino e as brigas internas de poder dentro da direção da escola:

[...] As relações e interações que constituem o dia-a-dia da escola, apreende as forças que a impulsionam [...], identifica as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreende o papel e a atuação de cada sujeito nesse contexto interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados (ANDRÉ, 1995, p. 41).

E para o encerramento dos trabalhos, foi realizada uma dinâmica de *feedback*. Esse espaço foi importante para realização de uma devolutiva por parte das adolescentes para os profissionais envolvidos no projeto, levantando aspectos relevantes que foram construídos ao longo dos quatro meses de convívio, onde houve significativa melhora de comportamento e ganhos para ambos os grupos, tanto dos profissionais, quanto das jovens participantes.

CONCLUSÕES

As transformações aceleradas da vida contemporânea e a crescente complexidade social, que trazem como consequência as dificuldades de compreender a realidade na sua transformação e a diversidade de formas de existência que se atualizam nas múltiplas redes de valores, afetos, tradições e perspectivas (ROCHA, 2002, p. 26) são um reflexo dos demais problemas que acometem os jovens. Aos de classes populares, os desafios de viver em situações desfavoráveis de acesso a condições dignas de vida acarreta uma descrença em um futuro promissor.

O acentuado quadro das desigualdades em que nossa sociedade terceiro mundista se encontra, favorece a proliferação de filantropização das respostas à “questão social”, ou seja, a transferência para o âmbito da “sociedade civil” parte da responsabilidade pela oferta de serviços (voluntários), sobretudo para as parcelas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“excluídas” – processo no qual o chamado “terceiro setor” desempenha papel fundamental (YAMAMOTO, 2007, p. 33). Nesse panorama, as instituições se apresentam como um modelo e alternativa de melhora social de uma grande parcela da população economicamente desfavorável.

Entretanto, como em toda organização humana, as instituições de cunho filantrópico retêm em seu escopo inúmeras reproduções e vícios que interferem nas relações de trabalho e de atendimento a comunidade assistida. Por isso, o profissional de Psicologia deve estar atento quando atuar no cerne de qualquer entidade, pois, ainda que práticas emancipatórias sejam engendradas, predomina uma visão do trabalho psicológico associado à clínica individual, curativa, voltada para adequação dos indivíduos. (SCARAMUSSA & PESENTE, 2007, p.03).

Dificuldades e percalços acompanham o trabalho do Psicólogo no cotidiano das instituições, principalmente quando esse tente voltar-se para uma análise crítica da realidade social. Como aponta Bock (1999, p. 327), o psicólogo deve assumir um compromisso social de transformação das condições de vida em nossa sociedade. E assumir esse compromisso social em nossa profissão é estar voltado para uma intervenção crítica e transformadora de nossas condições de vida. É estar comprometido com a crítica desta realidade a partir da perspectiva de nossa ciência e de nossa profissão.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. *Etnografia e o estudo da prática escolar cotidiana*. In **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995, pp. 35-48. (Prática pedagógica)
- BARROS, M. N. dos S.. *O Psicólogo e a ação com o adolescente*. In: CONTINI, M. de L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. dos. S.. (Org.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. 1 ed. Brasília - DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002, v. 1, p. 33-44.
- _____. *Saúde sexual e reprodutiva*. In: CONTINI, M. de L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. dos S.. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e**



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

reflexões críticas. 1 ed. Brasília - DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002a, v. 1, p. 46-54.

BRASIL. (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico.

_____, Ministério da Saúde. **Eu preciso fazer o teste do HIV/AIDS?** Mobilização nacional de adolescentes e jovens do Ensino Médio para prevenção da Infecção pelo HIV/AIDS. UNICEF, Brasília, 2007. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10532.htm. Acessado em 02 de junho de 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social.* **Estudos de Psicologia**, v.4 nº 2, dezembro, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 abr. 2009.

BOMFIM, H.; KRAHN, N. *Violência e contemporaneidade: em briga de foice mulher se mete.* In ESPINHEIRA, G. (org). **Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** Salvador, BA: EDUFBA, 2008, pp. 153-163.

DE ANTONI, C. ; KOLLER, S. H. . *Violência doméstica e comunitária.* In: M. de Lourdes Jeffrey Contini; Sílvia Helena Koller; Monalisa Nascimento Santos Barros. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** 1 ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002, v. 1, p. 83-96.

GOMES, C. A. C. ; SANTOS, MCG. . *Sonho e Realidade: sociedade e violência.* In: carlos Geraldo D'Andreia Espinheira - Gey Espinheira. (Org.). **Sociedade do Medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência.** 1ª ed. Salvador - Bahia: EDUFBA, 2008, v. , p. 101-116.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.* **Educação e Pesquisa** (USP), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GONÇALVES. *Violência contra a criança e o adolescente.* In: Hebe Signorini Gonçalves; Eduardo Ponte Brandão. (Org.). **Psicologia Jurídica no Brasil.** 1 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2004, v. 1, p. 277-307.

NOTO, A. R. ; SILVA, E. A. . *Dependência química, adolescência e família.* In: Sílvia Helena Koller. (Org.). **Adolescência e Família - Concepções, práticas e reflexões críticas.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002, v. , p. 92-98.

OLIVEIRA, A. G. (Org.) ; CERQUEIRA, E. C. (Org.) ; CUNHA, A. J. (Org.) ; RIOS, R. B. (Org.) . *O Rastro da Violência em Salvador II.* Mortes de Residentes em Salvador, de 1998 a 2001. **Salvador: Fórum Comunitário de Combate à Violência - FCCV,** 2003.

OZELLA, Sérgio. *Adolescência: uma perspectiva crítica.* In: Maria de Lourdes Jeffery Contini; Sílvia Helena Koller; Monalisa Nascimento dos Santos Barros. (Org.).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- Adolescência & Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002, v. , p. 16-24.
- ROCHA, M. L. *Contexto do Adolescente.* In: Maria de Lourdes Jeffery Contini; Silvia Helena Koller; Monalisa N. dos S. Barros. (Org.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Brasília: Ministério da Saúde/ Conselho Federal de Psicologia, 2002, v, p. 25-32.
- SAMPAIO, S. M. R. *A Escola dos Pobres e a Pobreza das Famílias: o que isso tem a ver com a formação do professor?* In: **VIII SEMOC**, 2005, Salvador, 2005, pp. 01-10.
- SCARAMUSSA, Roberta; PESENTE, Lucinéia. *Desafios da Psicologia em uma instituição social.* In: **XVI Encontro Nacional da ABRAPSO**, 2007, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da ABRAPSO, 2007.
- SILVA, Débora Maria Borges Cohim. *Crianças e Adolescentes: Sujeitos de Direitos.* **Bahia Análise e Dados**, Salvador, v. 11nº01, 11 nov. 2000, pp. 50-51.
- YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. *Políticas sociais, "terceiro setor" e "compromisso social": perspectivas e limites do trabalho do psicólogo.* **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 abr. 2009. doi: 10.1590/S0102-71822007000100005.